



DOSSIÊ

A linguagem e suas interfaces

ORGANIZADO POR

Maria Luiza Guarnieri Atik
João Cesário Leonel Ferreira



APRESENTAÇÃO

A LINGUAGEM E SUAS INTERFACES

A presente publicação dos *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 18, n. 1 (2018), acolhe estudos que propõem reflexões e análises balizadas por teorias da linguagem ou por estudos literários de textos e discursos em suas diversas manifestações. Textos que discutem, entre outras questões, os estudos discursivos e a linguagem em uso nas suas diferentes manifestações, ou seja, o texto literário em seu diálogo com a cultura, com manifestações artísticas e/ou outras mídias.

Da leitura dos artigos surge a constatação de que os programas de pós-graduação brasileiros, aqui bem representados tanto em termos de importância quanto de extensão no cenário nacional, têm enfatizado a abordagem do texto literário a partir de perspectivas teóricas plurais. Os contextos universitários em que impérios teóricos reinavam soberanos e indiscutíveis parecem, se não coisa do passado, sobreviver solitários e isolados na atualidade. Em lugar deles surgem pesquisas em que é comum a presença de diversos campos teóricos em diálogo criativo e produtivo. A variedade de olhares tem sido introduzida de forma a alargar e aprofundar as pesquisas, trazendo novos ares à produção dos pós-graduandos. Exemplo desses ventos que arejam a pesquisa acadêmica é o presente *Caderno de Pós-Graduação em Letras* que apresentamos ao leitor.

Este dossiê é composto de dez textos de autoria de pós-graduandos de diferentes instituições nacionais, que examinam questões pertinentes a diferentes áreas do saber, privilegiando os estudos literários e as teorias da linguagem. No sumário, já se evidencia o nosso intuito em estabelecer o diálogo do Programa de Pós-Gra-

duação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie com outros centros de ensino e pesquisa acadêmica. Esse objetivo nos parece estar cumprido, pois o dossiê contempla textos de pós-graduandos da Universidade de Pernambuco (UPE), da Universidade de Santa Cruz do Sul, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), da Universidade Estadual de Maringá (UEM), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Universidade de Brasília (UnB).

Abre esse dossiê o ensaio “Mito e denúncia em ‘Preciosidade’, de Clarice Lispector”, de autoria de Dafne Di Sevo Rosa e Thiago Cavalcante Jerônimo. Partindo de alguns conceitos acerca do mito e da questão dialógica de eventicidade do ser proposta por Mikhail Bakhtin, os articulistas analisam a releitura do mito de Apolo e Dafne, materializado nas *Metamorfoses*, de Ovídio, no processo escritural de Clarice Lispector, que retrata o cotidiano de uma ou de muitas adolescentes que são verbal ou explicitamente assediadas, e que se encontram na mesma situação-limite da protagonista do conto. A releitura do mito de Dafne, reformulado de acordo com o momento histórico, é o motivo central do conto de Clarice Lispector, cuja protagonista, contudo, vive um momento antiepifânico.

Em “*O cortiço*: (des)construindo identidades e estabelecendo relações com o século XXI”, o romance naturalista de Aluísio de Azevedo é analisado sob a perspectiva dos Estudos Culturais. Da ficção à realidade contemporânea, do individual às histórias múltiplas em contextos diferentes, a articulista Luciana Paula Bento Luciani, tendo como ponto de partida os estudos do sociólogo Jessé Souza, propõe um exame de dois momentos sócio-históricos da realidade brasileira, o literário, do século XIX, em diálogo com a atualidade, examinando como as identidades dos sujeitos são construídas e desconstruídas.

Rodrigo Fonte coloca também em pauta a literatura brasileira em seu artigo “A imersão do leitor e a quarta parede na poética de Ana Martins Marques”. Tendo como foco a inter-relação entre os gêneros lírico e dramático, “em que o leitor, a exemplo do espectador teatral, se vê motivado a encontrar a si mesmo nos interstícios dos versos mediante um processo de escavação de sentidos”, o articulista analisa, passo a passo, como a linguagem cria e revela novas experiências do real, a partir das mesmas imagens ou de temas recorrentes, corporificando as várias faces de mulher, ou melhor, as várias faces das Penépoles de Ana Martins Marques.

Em “A memória e o esquecimento no conto ‘Funes, o memorioso’, de Jorge Luis Borges”, recorrendo às reflexões teóricas dos principais estudiosos

sobre os conceitos de memória e esquecimento, dentre eles Henri Bergson, Paul Ricoeur, Jacques Le Goff e de apontamentos críticos-literários de Jorge Schwartz e Heurisleides S. Teixeira, o ensaísta Carlos Henrique Durló analisa a percepção e a memória perfeitas do protagonista Ireneo Funes em contraposição à do narrador, que se declara distraído e esquecido. Ao longo do texto, confronta a condição de Funes de eterno prisioneiro, na condição de paralítico, à condição de preso a viver de rememorar.

A memória e sua corporificação poética é contemplada no artigo “Um outro nível de vínculo: tempo e memória na poesia de Jacques Roubaud”, de autoria de Maria Dolores Sosin Rodriguez. Baseando-se, sobretudo, nos estudos de Michel Foucault, Walter Benjamin, Jean Marie Gagnebin e Georges Didi-Huberman sobre memória, história e configuração do indivíduo como sujeito, a ensaísta analisa o poema “Esta fotografia, tua última”, do escritor francês Jacques Roubaud, examinando como a memória não linear, em que os tempos passado, presente e futuro estão amalgamados, corporifica-se no instante da criação da memória e do ato de leitura.

Analisar a linguagem que tanto gera elogios quanto desconforto e inquietação é o objetivo do artigo “As babas do diabo: o insólito na desconstrução linguística de Julio Cortázar”. Partindo de teóricos da literatura fantástica, Lilian Barbosa e Mariana Oliveira elegem como foco da análise a construção do insólito no texto do autor argentino. Para tanto, inicialmente explicitam as categorias contidas no conceito de “fantástico”, como romance gótico, narrativa fantástica e realismo mágico. Em seguida, apresentam traços biográficos, bibliográficos e de estilo do autor, para, logo mais, passar à análise do conto. Para Barbosa e Oliveira, visando desenvolver e realçar o insólito, Cortázar faz uso de um narrador atípico, que procura confundir o leitor. Para atingir o objetivo do trabalho, uma das estratégias utilizadas é a inserção do leitor na narrativa, sempre de forma incerta e dilemática, acentuando, dessa forma, o caráter insólito do texto.

Partindo da tipologia proposta por Gérard Genette a respeito dos cinco tipos de relações transtextuais, o artigo “*Palimpsestos* de Gérard Genette explicados em base a duas obras: *Extinção* de Thomas Bernhard e *Asco* de Horacio Castellanos Moya”, de autoria de Aleksandra Ewa Pluta, aborda a questão do discurso de desconstrução da identidade nacional. Ao examinar os romances de Thomas Bernhard e de Horacio Castellanos Moya, aprofunda o conceito de hipertextualidade, destacando alguns aspectos significativos do hipertexto de

Moya, como estilo, repetições obsessivas, motivações de retorno do protagonista, repúdio à terra natal e as suas instituições, que dialogam com o hipotexto *Extinção* de Thomas Bernhard.

O artigo de Davi Alexandre Tomm, *The remains of the dead: algumas reflexões sobre a obra de Sebald*, propõe analisar a obra do autor na perspectiva de uma “literatura de restituição”, identificando as formas que permitem tal construção. O texto inicia com a discussão sobre o caráter ficcional das obras e o papel central do narrador que, para Sebald, é revestido de incertezas e cujo papel é produzir insegurança no leitor. A “restituição”, operada pelo narrador, se dá a partir do canal aberto a vozes não ouvidas e, ainda mais importante, pela restituição da própria literatura que, para tanto, se liga à metafísica. Essa é entendida como uma ordem invisível que envolve o mundo, aspecto desprezado pela literatura, segundo Davi Tomm. Para ele, Sebald desenvolve um método de trabalho não sistemático, retirando a racionalidade do centro, que passa a ser ocupado por elementos desorganizados que se conectam em relações. Por fim, o autor indica dois aspectos na obra de Sebald que constroem a relação entre literatura e transcendentalidade: o primeiro é a importância aos detalhes que conduz à percepção da relação entre dois pontos de vista nas obras do autor alemão; o segundo é a presença de uma perspectiva panorâmica, levando à identificação de conexões invisíveis que atuam no mundo.

“A literatura curvando-se sobre si mesma em *1Q84*, de Haruki Murakami” introduz a discussão a respeito da metaficção, entendida pela autora como “a ficção que fala de outra ficção”. Isis Lopes de Almeida registra que tal literatura já está presente em outros momentos da produção literária, mas que na ficção contemporânea ela se apresenta com maior vigor, produzindo uma estética de desconfiança que induz à autoconsciência. Por isso, a metaficção tem como foco a própria ficção. Nesse contexto insere-se o leitor, ou a construção de um novo leitor, não mais passivamente submisso ao texto, mas assumindo consciente seu papel. Para esse leitor, segundo Isis Almeida, a metaficção gera uma experiência de desfamiliarização que revela novas exigências. Os elementos teóricos apontados são identificados pela autora na obra de Haruki Murakami, uma vez que traz personagens que leem e comentam um texto ficcional, colocando em operação a metaficção. O leitor é introduzido na experiência de ler personagens leitores e de interagir com suas avaliações. Eis então o leitor contemporâneo que, para além de suas conclusões sobre o texto ficcional, é lançamento em uma rede de construções ficcionais. Nessas,

as fronteiras entre ficção e realidade tornam-se tênues e o leitor se vê como um entre outros leitores.

Este dossiê encerra-se com o artigo “Língua, o fator comum que nos singulariza, capaz de fazer a interface entre todos os estudos e manifestações culturais”, de Regina Paula Ambrogi Avelar. A obra de Mia Couto, *E se Obama fosse africano?*, é o ponto de partida para as reflexões “acerca de como os estudos linguísticos e os científicos em geral promovem interfaces por meio da língua em uso e são capazes de dialogar com a cultura em suas diversas facetas de manifestação”. Examina como a língua, que nos destaca de todas as demais espécies, é um fator que nos identifica, nos distingue e ao mesmo tempo nos permite ter uma identidade multifacetada e heteróclita, decorrente de muitas línguas, culturas e saberes.

Esperamos que a diversidade dos assuntos, teorias e conceitos abordados nos diferentes textos que compõem o dossiê em questão convidem outros leitores e pesquisadores para a aventura de explorarem novas perspectivas ou novos caminhos no universo das Letras em suas interfaces com outros saberes.

Organizadores

MARIA LUIZA GUARNIERI ÁTIK
JOÃO CESÁRIO LEONEL FERREIRA